

UM MUNDO AZUL DE POSSIBILIDADES

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

AUGUSTO; JOSILENE DA SILVA¹

RESUMO

Este texto é um relato experiência desenvolvido a partir da interação com um aluno de 6 anos de idade com TEA, no ensino regular, no ano de 2023, com uma turma de 18 alunos, no 1º ano do Ensino Fundamental I, da Rede Municipal de Corumbá-MS. A inclusão de aluno com Transtorno do Espectro Autista vai além da sua presença na sala de aula, deve almejar: aprendizagem, desenvolvimento de habilidades, potencialidades e a superação das dificuldades. Nesse viés temos alguns marcos legais que sustentam e garantem a permanência com sucesso de todos, seja com ou sem deficiência, no ensino regular. Assim, a inclusão educacional brasileira está na Constituição Federal defendida em seu Art.205 e no 206, inciso I, que estabelece igualdade de condições de acesso e permanência na escola. E Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, nos Art. 58,59, que ampara o ensino de pessoa com deficiência, seja atendido no ensino regular, preferencialmente. Na Lei nº 12.764/12, institui a Política Nacional de proteção dos direitos da Pessoa com TEA. Silva et al (2012) define o que é ser uma criança com TEA (transtorno de espectro autista) e suas especificidades, o TEA é “um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos 3 anos de idade e se prolonga por toda vida”.

Três dias antes de iniciar as aulas, descobri que teria um aluno com TEA, digo descobri, porque a equipe escolar não comunicou, fui na secretaria averiguar se tinha entrado mais alunos na minha turma e para a minha surpresa havia diminuído. Questionei o por que e a secretaria informou-me que teria um aluno com TEA e sem professora de apoio. Antes eu tinha 25 alunos, agora 18 alunos. Quando iniciamos um processo educacional para uma pessoa com deficiência, não somente a estudantes com Autismo, as informações sobre o comportamento e características do estudante são de extrema importância para o professor (a) da sala regular. Mas tudo que eu tive de informação, era que o aluno nunca tinha estudado, o telefone de contato só chamava. Fiquei nessa ansiedade por 15 dias, nesse tempo retomei as minhas leituras sobre o tema, fiz alguns cursos online. Até que, finalmente a mãe o levou. Foi difícil fazê-lo entrar na escola, gritava, chorava e se jogava no chão. A professora do AEE (Atendimento Educacional Especializado) entreviu e conseguiu que entrasse na sala de atendimento e ele se acalmou quando viu o computador. Nesse momento o conheci. A mãe ficou o tempo todo ao seu lado, em conversa posterior contou que teve uma péssima experiência em outra escola e não confiava em deixá-lo. A equipe escolar ao perceber que o aluno é totalmente dependente em relação a ir ao banheiro, tomar água, comer, comunicar e transitar no ambiente escolar, designou uma técnica de educação infantil para acompanhá-lo. Que foi mais uma preocupação, já que a profissional não tinha formação específica para trabalhar com aluno autista, exerceu o papel de cuidadora por 4 meses. Com muito diálogos com a equipe escolar e com a família, finalmente foi designada uma professora de apoio com experiência com alunos autistas. Com profissional capacitada e comprometida ficou muito mais potente o processo de ensino aprendizagem.

Nesse contexto inicial, ficou mais um menos um mês, ia apenas na sala AEE, ficava por 1h. Quando tentávamos levá-lo para a sala, chorava, gritava e se jogava ao chão. Depois de várias tentativas frustradas “regadas” com muitos gritos e choros, consegui que entrasse na sala de aula. Foi combinado com a mãe que iria ficar 1h30m e aos poucos fomos aumentando esse tempo. Ficamos uns três meses nessa adaptação do tempo de permanência em sala, até chegarmos nas 4h aulas. E a partir desse momento iniciei as minhas investigações: quem é ele? Como é? Como aprende? O que sabe? Perguntas que não calam. Uma das formas de tentar responder a essas perguntas é se colocar diante da necessidade de conhecer o sujeito. Identificar suas habilidades, oferecer um ensino que destaque as suas potencialidades, conforme prevê a literatura específica, o que se pode dar, inclusive, por meio do seu diagnóstico clínico, mas, sobretudo, pedagógico. O aluno tem

¹ PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ/MS, josileneaugusto2016@gmail.com

comprometimento na linguagem verbal, que o leva desregulação emocional, precisei de muitas observações, registros fotográficos, vídeos, leituras da literatura específica e conversas com a mãe, para conhecê-lo. Todos os dias descobria algo novo, mesmo que já tenhamos trabalhado com alunos autista, cada um é singular. Segundo Raad (2007), Vigotski defende que a criança atípica não aprende menos que a criança normal e sim que ele aprende num ritmo diferente. Para ele o estudo da criança com desenvolvimento atípico não podia limita-se a determinado nível de gravidade da insuficiência, mas deveria considerar os processos compensatórios. A deficiência não pode ser usada contra o aluno e sim, a partir dela o professor deve buscar estratégias que ajudem esse aluno a encontrar o caminho para o seu desenvolvimento.

Além disso, Borges (2005) afirma que, um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinção, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às Necessidades Educacionais Especiais dos alunos. E destaca: “um aluno tem necessidade educacionais especiais, quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando, assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado”

A convivência com o aluno, fomentou a minha busca por conhecimento acerca das possibilidades de promover a inclusão de forma significativa, assim, percorri caminhos alternativos que descrevo, como ferramentas utilizadas:

1ª. ferramenta: ambiente pedagógico, a literatura específica sinaliza que, fazer com que o aluno atípico se sinta seguro no ambiente escolar é o primeiro passo. Para tanto, preparei a sala de aula com matérias pedagógicas nas mesas perfiladas, ao entrar é a primeira coisa que iria visualizar. Depois de várias tentativas de leva-lo até a sala, consegui que entrasse, quando viu os matérias (livros, jogos de EVA com numerais, ABACO, fichas com alfabeto, família silábica e numerais) se regulou e ficou manuseando esses materiais. Organizar esse espaço com os matérias pedagógicos todos os dias fez com que ele se sentisse acolhido, seguro e a mãe mais confiante no nosso trabalho. Além disso, a porta da sala foi pintada e recebeu desenho de vários animais dos quais gosta, ao chegar, sabia onde era sua sala. Ao preparar o espaço, colocava os materiais pedagógicos familiares a ele, e inseria outro de acordo com o conteúdo trabalhado. Toda semana tinha material novo, as vezes dava certo, outras não.

2ª. ferramenta: Materiais pedagógicos adaptados/adequados: A utilização de materiais didáticos adaptados é necessária porque muitos autistas sentem dificuldade de aprender de forma tradicional. Ter esse apoio pedagógico foi e importante no processo de aprendizagem e o material usado foi elaborado e pensando de acordo com o seu repertório comportamental e atende a sua necessidade individual. Os materiais usados foram: gibis, ábaco, encaixes com numerais, letras, sílabas, palavras, quebra cabeças, livros de literatura infantil e didáticos, fichas de comunicação, pinturas, desenhos, atividades impressas, notebook, músicas, entre outros. Inseridos com os objetivos de ensino e aprendizagem, foram alvos de reforçamento positivo, para deixar a aula mais lúdica e funcional. Todos esses materiais foram pensados para potencializar as habilidades do aluno.

3ª. ferramenta: reguladores: Os objetos reguladores (brinquedos que /adaptados giram, luz de led, músicas, caixa de som, bolhas de sabão, livro *O menino azul*, gibis da turma da Mônica, vídeos de danças coreografadas) ajudam a cumprir as atividades do dia a dia e são fonte de aprendizado e desenvolvimento. O livro *O menino azul da Cecilia Meireles* foi inspiração para o título desse relato, que além de ser um material didático é também um regulador, todos os dias ele o manuseiava, e ficava horas vendo a capa em a última capa. Amava ouvir a leitura, tanto oral quanto o áudio e o vídeo. A autorregulação é um processo básico relacionado aos desfechos adaptativos ao longo do desenvolvimento, ou seja, é criar a habilidade de poder monitorar, modular a emoção, a cognição e o comportamento, para atingir um objetivo e/ou adaptar às demandas cognitivas e sociais para situações específicas.

O processo de aprendizagem do aluno com TEA, não ocorre de maneira momentânea, é um processo de longo prazo, por isso requer comprometimento, paciência e tranquilidade no momento de mediação. É importante ressaltar as potencialidades do aluno, e não por em evidência suas limitações e deve ser estimulado a descobrir o mundo ao seu redor e expor suas

vontades e desejos. Para tanto, os recursos que foi usado no início da adaptação na escolar, a rotina, a habilidade social e o fortalecimento das atividades visuais grafomotoras partiu do interesse do aluno.

Como esse relato propôs a apresentar as possibilidades e não focar nas limitações, não significa que não houve, foram várias tentativas com erros e acertos de como trabalhar com ele. Teve dias que nada o regulava, nada chamava a sua atenção, chorava muito, se debatia, queria ir embora, sonolento, irritado. Mas na maioria dos dias é carinhoso, interage com os colegas, professores, atento, curioso, encantador e desafiador. A aprendizagem das crianças autistas não é fácil, contudo fica evidente que, com conhecimento, pesquisa e comprometimento, favorecem a alcançar uma vida mais independente e com qualidade. Para que o aluno autista desenvolva suas habilidades, é necessária uma estrutura escolar eficiente, com preparo profissional de todos os envolvidos no processo educativo. Como o aluno autista tem dificuldades de se adaptar ao mundo externo, a escola deve pensar na adequação do contexto. Não existem apenas salas de aulas inclusivas, mas escolas inclusivas. Por isso, é necessário que a escola crie uma rotina de situação no tempo e no espaço como estratégias de adaptação e desenvolvimento desses alunos.

Referências

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

BOSA, Cleonice. **Autismo: atuais interpretações para antigas observações**. In: BOSA, Cleonice. *Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 21-39.

BORTOLOZZO, Ana Rita Serenato. Banco de dados para o uso das tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica de professores de alunos com necessidades especiais. Dissertação (mestrado), Pontifca Universidade Católica do Paraná, Curitiba 2007. Disponível em: http://educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/anarita.pdf. Acesso em: 8 jan.2020.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 28 dez. 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96)**. Brasília: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 8 jan. 2020.

CUNHA, Gracielle Rodrigues da; BORDINI, Daniela; CAETANO, Sheila Cavalcante. **Autismo, transtornos do espectro do autismo**. In: CAETANO, Sheila Cavalcante; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; PAULA, Fraulein Vidigal de; RESENDE, Briseida Dôgo de; MÓDOLO, Marcelo (Orgs.). *Autismo, linguagem e cognição*. Jundiaí: Paco, 2015.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2019.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. **Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos?** Ijuí, 2012. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita%20monografia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 jan. 2020.

GAUDERER, E. C.; PRAÇA, E. T. P. O. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. 2011.

GOLDBERG, Karla. **A percepção do professor acerca do seu trabalho com crianças portadoras de autismo e síndrome de Down: um estudo comparativo**. 57 p. Dissertação (Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LUCKESI, C. C. **Ludicidades e atividades lúdicas: uma abordagem a partir das experiências Internas**. *Nativa - Revista de Ciências Sociais*, nº 2, 2005.

MENEZES, A. R. S. ***Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende?*** Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo, inclusão, ensino regular, desafios, possibilidades